

Hamlet:
Ser ou não ser?
Só Freud
explica

CPMTRATP M° 3956791
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO

DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO IV Nº 35 / 38
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL



O Poeta da Vila

Sessenta anos
sem a poesia de Noel

Notícia Geral,
*duzentos anos
de
história de
Goiás*

Entrevista:
*José Godoy
Garcia, 50 anos
de literatura*

Francisco Mignone

Em busca das nossas raízes

□ Neusa França

Francisco Mignone tornou-se amigo e fã de Mário de Andrade, concordando plenamente com a tese nacionalista dos Modernistas. A propósito, o maestro Mignone impregnou fartamente do "toque" brasileiro sua obra "Fantasia Brasileira para Piano e Orquestra".

Sinto-me bem à vontade para prestar depoimento sobre a figura inescrutável do maestro Francisco Mignone; isto porque, como sua devotada aluna, convivi com ele por longo período, nos Cursos de Harmonia Prática ao Piano e de Composição. Aliás, muito lhe devo, também, pelo incentivo que me deu, examinando e apreciando, pormenorizadamente, várias composições minhas. Após analisar a música (de minha autoria) do hino de Brasília (bem antes de ser oficializado), ofereceu-se para realizar a orquestração do mesmo, o que muito me lisonjeou!

Sua primeira esposa, professora Liddy Chiafarelli Mignone (tragicamente desaparecida em desastre de avião), foi minha mestra no curso de Didática da Iniciação Musical - estágio intensivo; sua segunda esposa, conhecida pianista Josephina Mignone, foi minha

aluna durante algum tempo, quando trabalhei como assistente da insigne mestra Magda Tagliaferro.

Por tudo isso, pode-se concluir o quão próxima me sinto da ilustre família Mignone!

Aqui vão, pois, algumas "pinceladas" do expressivo *curriculum vitae*, numa visão global e, de certa forma, resumida, ao comemorar o centenário de seu nascimento.

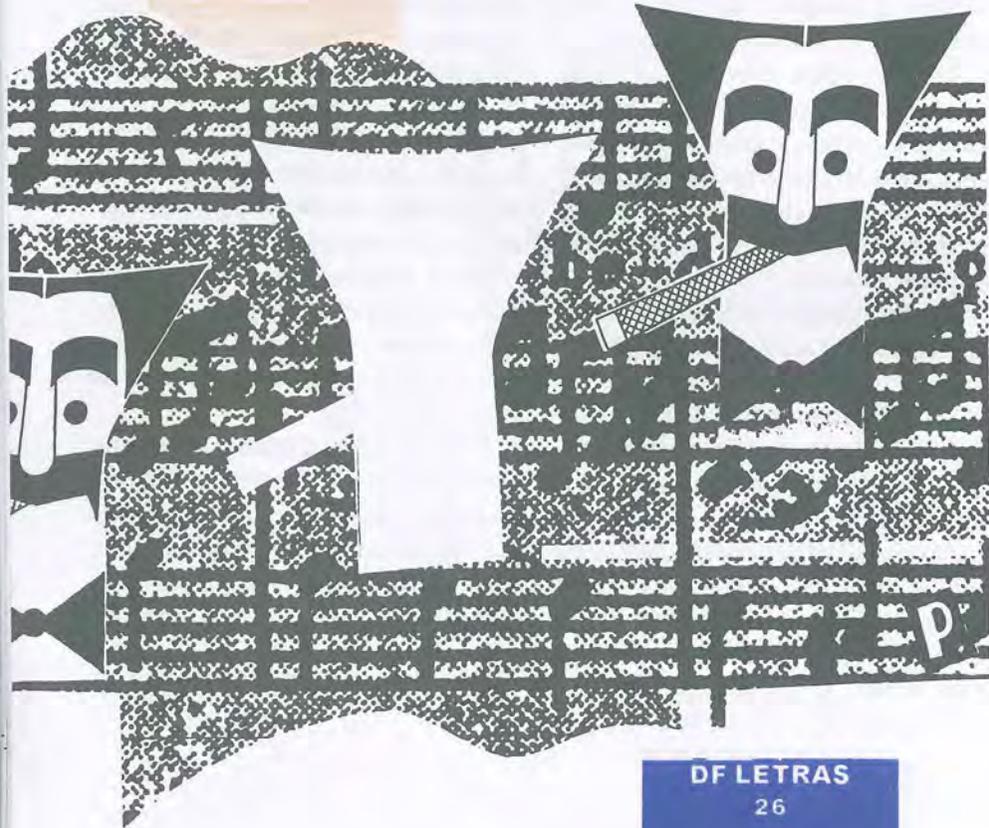
Nascido em São Paulo, a 3 de setembro de 1897, Francisco Mignone - que se notabilizou como pianista, maestro e compositor - era de ascendência italiana por parte de seu pai, Alferio Mignone, ótimo flautista e professor do Conservatório de São Paulo.

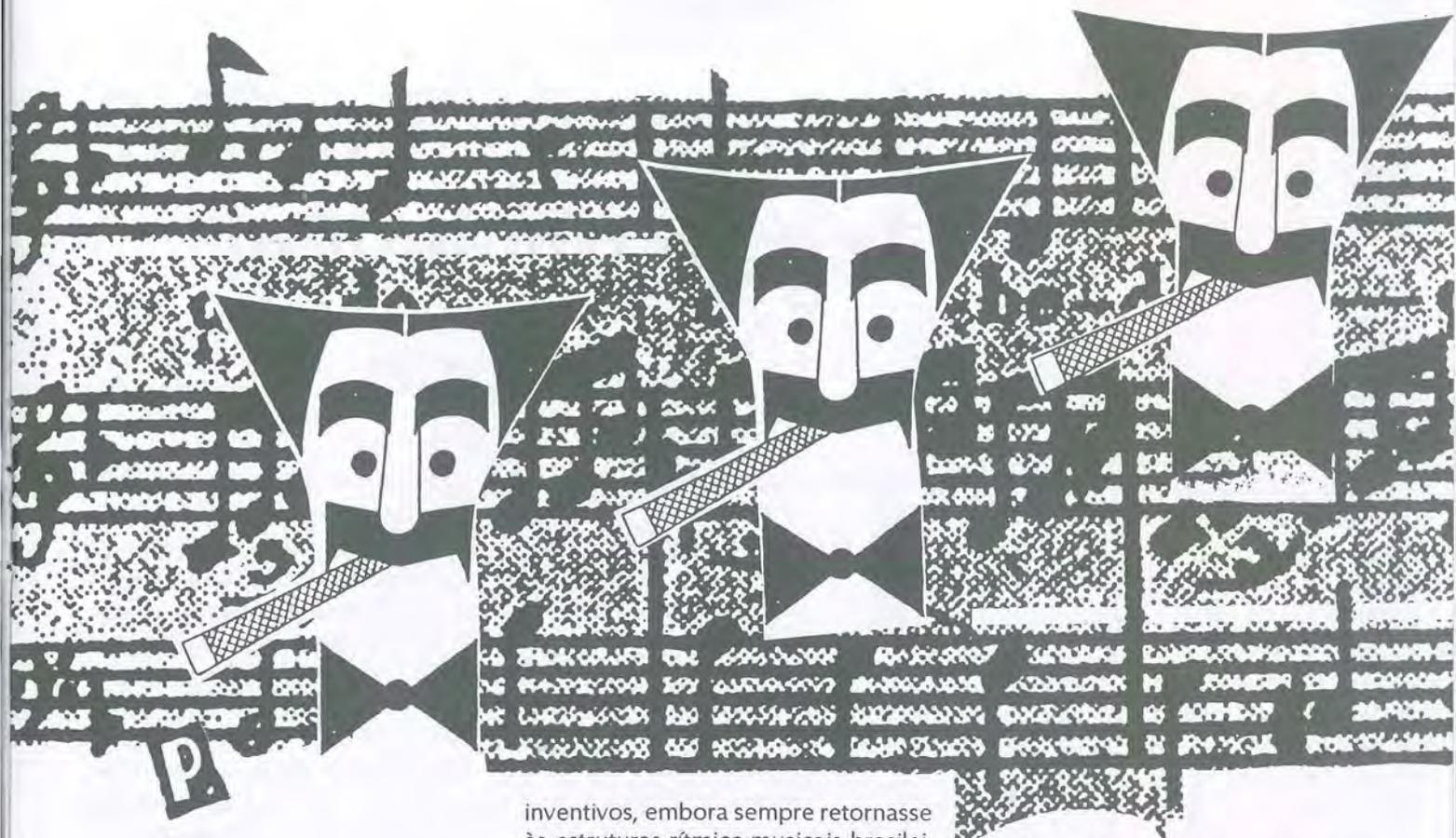
Desde tenra idade Francisco já manifestara seus dotes musicais através do piano (aluno de Sílvio Motto) e da flauta, sob a orientação do seu próprio pai. Seu talento para composição, ainda adolescente, foi motivo de orgulho de seus mestres Savino de Benedictis e Agostinho Cantú e, do primeiro repertório do jovem musicista, a maioria das peças era de cunho eminentemente popular.

Iniciando sua carreira como compositor, alcançou autêntico sucesso em 1917, quando foram aplaudidos seu **Poema Sinfônico**, além de **Caramuru** e da **Suíte Campestre** (peças orquestrais). No Rio de Janeiro foi executada a sua famosa **Congada**, bailado que chegou a merecer de Ricardo Strauss a sua inclusão no repertório quando da estréia da Filarmônica de Viena no Brasil.

Com entusiasmo, à vista de tantos êxitos, Mignone recebeu da Comissão de Pensionato Artístico de São Paulo uma bolsa para estudar na Europa, precisamente na cidade italiana de Milão, onde muito progrediu com o mestre Vincenzo Ferroni.

Permanecendo na Europa até 1929,





seu talento como compositor chegou a grandes alturas com **Cenas da Roça**, **Intermezzo Lírico**, **Noturno-Barcarola**, **Momus**, **Festa Dionísica**, **No Sertão** (sob inspiração do livro de Euclides da Cunha), **Suíte Asturiana** (homenagem à Espanha), **Maxixe**, de ritmo tipicamente brasileiro e a ópera **L'Inocente**.

Até então, a quase totalidade de suas obras obedecia a moldes de raiz italiana; entretanto, retornando ao Brasil, decidiu, realmente, daí por diante, compor segundo o sistema rítmico brasileiro.

Colaborou deveras, para isso, o admirável musicólogo Mário de Andrade que, com muito dinamismo, desenvolveu, em São Paulo, importante campanha junto aos compositores nacionais, no sentido da fidelidade às formas musicais de nosso país.

Mignone tornou-se logo amigo e fã ardoroso de Mário de Andrade, concordando plenamente com aquela tese, tão compreensivelmente óbvia. A propósito, o maestro Mignone impregnou fartamente do "toque" brasileiro sua linda **Fantasia Brasileira para Piano e Orquestra**.

Contudo, o genial compositor, vez por outra, enveredava por plagas musicais diferentes, isto é, diversificando seus caminhos artisticamente

inventivos, embora sempre retornasse às estruturas rítmico-musicais brasileiras. A propósito, esse dilema, que, por vezes o perseguia, foi motivo de interessante autocrítica que ele denominou **A parte do Anjo**, comemorando, em 1947, o seu cinquentenário.

Sem dúvida alguma, sua carreira teve, a partir de 1933 (quando passou a residir no Rio), seu ponto culminante com os bailados **Maracatu do Chico Rei** (1934) e **Leilão**, além das peças sinfônicas **Batucajé** e **Babaloxá** (1935), em **Iara** (1946); no **Espantinho** (inspirado nas telas de Portinari); na **Sinfonia do Trabalho** (conseqüência de sua adesão às doutrinas do Socialismo); na **Festa das Igrejas** e nos **Quadros Amazônicos**; nas **Lendas Sertanejas**, nos **6 Estudos Transcendentes**, na **Sonata**, nas **Valsas de Esquina** e nas **Valsas-Choros** (estes para piano); no **Sexteto** para piano, flauta, oboé, clarineta, trompa e fagote - e, em **Urutau**, o pássaro fantástico, para fagote, clarineta, flauta, flautim e piano a 4 mãos.

Podemos acrescentar, ainda, suas numerosas canções, destacando-se: **Seis Líricas**, **Menina Boba** com poesia de Oneida Alvarenga e o ciclo inspirado no **Rubayat** de Omar Khayam, além de algumas melodias valorizando poemas de Manuel Bandeira, autor também do texto de sua obra vocal, a **Oratória Alegrias de Nossa Senhora**.

A partir de 1934 foi professor de regência do Instituto de Música do Rio de Janeiro (hoje Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro).

Festejadíssimo como compositor e pianista, também o foi como regente, não só no Brasil, como na Itália, Alemanha e Estados Unidos. Em Brasília, Mignone realizou vários recitais e regeu a Orquestra do Teatro Nacional Cláudio Santoro. Gravou vários *long plays* e CDs que são sempre procurados por seus fiéis admiradores.

No Rio de Janeiro, sob a direção de Josephina Mignone, sua viúva (que marcou época nos recitais a 2 pianos com seu esposo e mestre), o Centro Cultural Francisco Mignone tem como principal objetivo divulgar o importantíssimo acervo do maestro no Espaço Cultural FINEP. Recentemente, o notável músico tornou-se patrono da Cadeira nº 65 ocupada pela ilustre maestrina Elena Herrera na ALMUB. É, pois, com justo orgulho que comemoramos este ano o centenário de nascimento daquele que presenteava e continuará presenteando o Brasil e o mundo com sua música imortal: Francisco Mignone.

Neusa França, musicista, pianista e compositora, é presidente da ALMUB - Academia de Letras e Música do Brasil.